



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

EXERCITANDO A DICUSSÃO: CONSTRUÇÃO DO GÊNERO, CORPO E DAS CONCEPÇÕES DE SAÚDE NA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO E DE GINÁSTICA

Marcella Tavares de Alencar; Martha Ysis Ribeiro Cabral

UFCG e Bruta Flor Coletivo Feminista, marcella.t.alencar@gmail.com; Bruta Flor Coletivo
Feminista, marthaysis@gmail.com

Resumo: A pesquisa em andamento propõe realizar uma aproximação entre o campo da antropologia e da saúde para entender quais concepções de gênero que reverberam no ambiente da academia, como são reforçados ou subvertidos padrões e de que modo estes discursos estão atrelados à concepção de “corpo saudável”. O objetivo é analisar as maneiras pelas quais se estabelecem distintas estratégias de construção do corpo/sexualidade e saúde, por meio das tecnologias de gênero, como um dos conceitos centrais (LAURETIS, 1994) e sendo, por um lado, o próprio corpo, sujeito desta etnografia, parte constituinte destas tecnologias e, por outro lado, as máquinas, o ambiente e as estratégias de marketing, como demais tecnologias que constituem o gênero. Entendemos que o corpo é perpassado pelas relações de poder (FOUCAULT, 1979) que o regulam e os esquadriham. No entanto, a academia demonstrou ser também um lugar de subversão ao observarmos, ao longo da pesquisa, o uso de anabolizantes pelas mulheres lidas como “masculinizadas”, por exemplo, e também suscitou questões sobre o discurso da abjeção do corpo gordo em uma política de higienização e medicalização dos corpos no intuito de torná-los fit. Como ativistas, gorda, ex-gorda e participantes da dinâmica da academia, ao tornar esse processo de observação parte também de uma análise de si, percebemos que a contribuição deste artigo está em perceber este ambiente como parte das redes de relações cotidianas que estão para além da universidade e movimentos sociais. Exercitar-se e dialogar sobre também são modos de ativismo e cuidado de si.

Palavras-chaves: corpo; academia; gênero e sexualidade

1. Aquecer a discussão: o processo da etnografia

“O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo[...].”
(FOUCAULT, 1979, p. 146)

Este estudo se inicia após alguns anos de confrontações pessoais com questões de cuidado de si a partir de um viés feminista, debatido entre as duas autoras deste artigo, que frequentam a academia e

fazem parte do mesmo coletivo feminista na cidade de Campina Grande, Paraíba. Este projeto, portanto, parte de experiências pessoais. Ele é também parte de um projeto da necessidade de autoescrita, de alguém que passou por um processo de engordamento/emagrecimento e dos diálogos estabelecidos entre as autoras do artigo que procuram lidar com questões acerca das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

travessias do ser e estar que os ditos 'cuidados' com o corpo impõem até hoje.

A problemática escolhida e a construção do conhecimento a ela vinculada ocorrem, em boa medida, por meio das subjetividades de quem escreve, isto é, a pesquisadora torna-se, também, objeto/sujeito da pesquisa.

Por ser a própria pesquisadora quem define e regula a problemática deste projeto de escrita, ele implica em um trabalho específico de distanciamento, de modo que o método com bases etnográficas é necessário para revelar aspectos sombreados dos fenômenos cotidianos do *locus* de pesquisa que frequentamos há alguns anos e das pessoas que lá frequentam, bem como a análise das textualidades presentes no ambiente que surgem como estratégias de controle biopolítico dos corpos na academia.

Portanto, a pesquisa, ainda em andamento, surge com a proposta de ser um processo etnográfico ensaístico, que parte da compreensão experiencial para analisar o ambiente da academia de musculação e ginástica Korpus¹, em Campina Grande. É a partir da interpretação e das subjetividades que o processo de análise ocorre, pois toda experiência decorre de uma consciência de como nos posicionamos no mundo e das viagens e deslocamentos que os corpos

¹ <http://www.academiakorpus.com.br/unidade-centro/>

realizam, a partir de situações coletivas e individual, que acabam operando na nossa consciência no processo de inteligibilidade do que, para nós, é comum do nosso dia a dia, como o ato de realizar exercícios físicos. Esta consciência recorre à experiência pessoal e as experiências do corpo que não se dissociam do lugar em que estamos, pois ele: “(...) é mais do que uma fonte fixa de metáforas. Ele constitui nosso *estar no mundo*” (TURNER, 2008, p. 35).

Exercitar é também um processo físico na medida em que tomamos o cuidado de refletir acerca de onde estamos e por que estamos realizando algum esforço. O exercício é uma técnica não só da academia – instituição de ensino – para cultivarmos um corpo capaz de pensar a respeito de questões culturais, por exemplo, mas também é uma técnica da academia – de musculação e ginástica – que desenvolvem certos hábitos e cultivam outro modelo de corpo, que também influenciam relações sociais e culturais dos indivíduos que procuram esta prática.

O corpo é não só o sujeito da pesquisa. Ele é também o campo de análise, junto ao ambiente da academia, que se mesclam na produção de sentidos e interconexões entre os marcadores sociais das diferenças com as distintas estratégias de construção do corpo/sexualidade através das tecnologias de gênero: máquinas de exercício, avisos nos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

espelhos, suplementos, anabolizantes, roupas de academia, dentre outros objetos que fazem parte do aparato semiótico do exercitar-se na academia:

O campo não é uma coisa, não é um lugar, nem uma categoria social, um grupo étnico ou uma instituição. É talvez tudo isso, segundo o caso, mas é antes de tudo um conjunto de relações pessoais com as quais ‘aprendemos coisas’. (AGIER, 2015, p. 34)

Em meio a alongamentos, aulas de ginásticas e treinos de musculação, percebemos que os processos de composição corporal possuem distintos significados para quem passa por eles, muito embora possa existir significações predominantes, que corroboram com uma norma e um padrão estético tido como ideal no ambiente lido como *fitness*, em que: “Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (FOUCAULT, 1987, p.127). Estes comportamentos controlados dentro da norma preconizam um corpo magro e ‘atletico’, que parte de um saber-fazer anatômico e fisiológico, que tem alto grau de refinamento e fazem parte de uma lógica de medicalização dos corpos (LE BRETON, 2016)

Os sujeitos, então, são perpassados pelas relações de poder que o regulam, tornando-o exótico ou familiar a partir dos discursos que lhe constituem e a partir da interpelação de

sentidos que os grupos sociais reverberam nos sujeitos. Este processo do exótico e familiar se assemelha ao da escrita e da observação participante da etnografia no qual o processo de tornar o familiar em exótico e o exótico em familiar se configura como um processo importante para a reflexividade no fazer etnográfico (DA MATTA, 1978), para desnaturalizar a vida cotidiana.

Este processo nos serve na medida em que podemos entender quais os parâmetros que são usados para entender o que torna o outro um corpo estranho, exótico dentro de alguns contextos, como é o caso das mulheres vistas como “masculinas” dentro das academias de musculação, por exemplo, bem como entender o modo como o discurso de abjeção é construído baseado em na construção social do que é o “masculino” e “feminino” e o que é o “saudável” em uma política de higienização e medicalização dos corpos.

As noções de masculinidade e feminilidade, por exemplo, são ecologias políticas que são produzidas por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais (PRECIADO, 2008) e também de tecnologias de gênero e estão de algum modo sendo reproduzidas a partir dos dispositivos de poder presentes nas instituições das quais fazemos parte, pois, é “por meio das instituições que a vida humana se torna coerente, significativa e contínua” (TURNER,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

2008, p. 26) e a partir destas instituições podemos entender como as representações de gênero são produzidas, construídas através das várias tecnologias do gênero e dos discursos institucionais que reproduzem certas práticas de representação de gênero a partir de um viés heteronormativo.

2. O exercício: entendendo a academia e a construção dos corpos subversivos/regulados

É importante entender a construção dos corpos a partir do surgimento da academia de musculação e ginástica a partir desta perspectiva histórica, pois é neste contexto que está a prática social e os processos de interação da Academia Korpus, localizada em Campina Grande, PB, localizada no interior do Nordeste. Esta academia, que tem sido fundada em 1985 e hoje conta com quatro unidades, é uma das mais antigas da cidade e possui as seguintes modalidades: musculação, ginástica, pilates, artes marciais, natação e possui também atendimento nutricional. Com isso, a Academia Korpus se torna um espaço em que diversas formas de interação social que privilegiam o discurso sobre a saúde acontecem. A proposta da Korpus, pelo que podemos observar, é de tornar-se um ambiente “natural” e “familiar” para quem frequenta: sofás, cadeiras de massagem, salas

de espera, armários individuais, plantas no ambiente fazem com que o ambiente se torne um local que se assemelhe a uma “casa”. Em diversas situações ouvi falar da Korpus como uma “família”, algo que está presente no discurso de muitas pessoas que trabalham no ambiente e também em suas redes sociais².

Esta naturalização ocorre da necessidade da manutenção de adeptos e pessoas que frequentem aquele espaço e naturalizem a atividade física no dia a dia, já que o senso comum é entender a musculação e exercício físico como algo que gera cansaço, dor (*No pain, no gain*) e esforço, portanto a estrutura física da academia propicia não apenas através máquinas de musculação – que são tecnologias que constroem o gênero -, mas de um ambiente que se assemelhe a um lar e que tenham, inclusive, mensagens motivacionais por suas paredes, como podemos encontrar nos dois andares da Korpus Centro: “Supere

² “Somos mais que uma academia, nos preocupamos com seu bem estar, saúde e com tudo aquilo que lhe fará realmente bem, por isso precisamos tocar nesse assunto. Hoje tivemos as aulas de [#HidroKorpus](#) alusivas ao [#NovembroAzul](#), mês de conscientização e prevenção do câncer de próstata, que hoje está no topo do ranking das doenças que mais matam os homens. A nossa ideia em promover eventos como este vai muito além de apenas divertir nossos alunos, mas de mostrar que nos preocupamos com este assunto sério e que estaremos sempre a disposição e abertos para levar e promover a [#FamiliaK](#), nada menos do que o melhor, pois é o que merecem.”

<https://www.instagram.com/p/BqLfAwbAB2u/>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

seus limites” é um dos dizeres que podemos encontrar nas paredes da academia.

A história da educação física e da academia de musculação e ginástica se confunde também com a história dos esportes e artes marciais no oriente e no ocidente, em que esta relação entre corpo e exercícios físicos não estiveram separados, apesar da diferença entre os povos e os motivos pelos quais estes se interessavam em praticar exercícios:

Muitas coisas poderíamos informar sobre os povos asiáticos, onde toda ciência, pensamento e ação se assentavam na Filosofia, na Moral e na Religião, nas quais o exercício se entrosava. Na Pérsia, Índia, China, Japão e outros povos, em contraste com a prática do mundo ocidental, excepcionalmente, as atividades físicas tinham caráter agonal, servindo mais como um meio ritual ou de preparação para a vida. (RAMOS, p. 17, 19, 1982)

No ocidente, portanto, a atividade física esteve ligada ao ideal de beleza humano desde períodos antes de cristo na Grécia a partir das práticas desportivas que tiveram forte influência da mitologia (RAMOS, 1982). Os exercícios físicos ganhavam ênfase na preparação de atletas para os jogos Olímpicos e, portanto, estavam ligados a um ideal de competição e também beleza. É neste ideal de beleza clássica que ainda se pautam vários padrões que acabaram por entrar em discursos médicos, biológicos e institucionais, dando ar de cientificidade e naturalizando

determinados modos de perceber as diferenças, como é o caso entre a ideia de masculinidade e feminilidade presentes em falas de profissionais de educação física e nos próprios ambientes das academias.

Em uma das conversas informais com um dos professores de ginástica³ da academia Korpus, pude perguntar a ele sobre o uso da anabolizantes para as mulheres e ele . Este questionamento foi levantado não só porque na Korpus existe escrito um aviso sobre o uso de tais medicamentos: “anabolizantes esteroides: drogas utilizadas para potencializar o rendimento muscular podem provocar lesões graves e levar a morte”, baseada na lei federal de nº 9.965/2000 escrita nos quadros de aviso, mas também porque em comentários com colegas de academia que ocorreram no ambiente de ginástica, que se configura de modo distinto do da musculação, houve comentários que observei sobre uma personal trainer, que participa de competições de bodybuilding, que utilizava anabolizantes: a opinião uníssona sobre tal uso não dizia sequer respeito à saúde, mas à aparência: ela ficava ‘parecendo um homem’, perdia a ‘feminilidade’, a voz era grossa demais ‘não

³ Sobre o professor de ginástica: tem 29 anos, trabalha na Korpus desde 2011 e é também *personal trainer* na mesma academia e em outras da cidade. Dá aulas de ‘RPM’ (ciclismo *indoor*), alongamento e BodyJam (aula de dança coletiva)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ficava natural'. No entanto, o que seria esta naturalidade que na realidade é construída?

O espaço da realização de exercícios físicos, ginásios, surgiu também com ao longo do desenvolvimento das Olimpíadas e persistiu como modelo no ocidente de modo geral até o início do século XX. As mulheres, no entanto, não teriam acesso a este local, reforçando a lógica de que o público diz respeito ao homem⁴:

As exclusões se impõem além das imprecisas moralistas e vagamente formais que recomendam às mulheres “não jogar, a não ser raramente, e sempre com muita circunspeção e indiferença”. A soule, e a péla e os jogos de bolas eram julgados inconvenientes a uma mulher ou moça. Pela agitação que provocam são quase exclusivamente jogos masculinos. (VIGARELLO, 2008 *apud* SILVA, p. 34).

Estas diferenças que levam à exclusão colocam a mulher como corpo/sujeito destinado ao espaço privado, enquanto que ao homem caberia dominar o público. Esta lógica, cultivada, principalmente por instituições jurídicas, médicas e biológicas, além de reforçam certo binarismo que entendem o feminino e o masculino como ideais de mulher e de homens respectivamente.

⁴ Este homem também diz respeito a um homem cisgênero, isto é aquele que possui uma coerência normativa entre a ideia do sexo e gênero.

Este binarismo apaga a importância de entender a mulher não como produto daquilo que ela faz ou sua função biológica, mas sim a partir das interações sociais na qual os sujeitos participam, pois o gênero, assim como o sexo deve ser entendido em termos políticos e sociais com referência não a limitações biológicas, mas sim às formas específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social “(...) assim parece que seria mais interessante pensar o sexo biológico tal como raça biológica, como uma desculpa ao invés de uma causa para todo o sexismo que observamos” (ROSALDO, 1995), assim como entender que o corpo “delicado”, que é um atributo tido como “feminino” que logo é designado como pertencente à categoria “mulher” é fruto desta relação de poder presente nos gêneros e que regula os corpos.

Em 1850 surge no Brasil a primeira lei que determina a educação física como prática obrigatória nas escolas (SALLES-COSTA *et. al.*, 2003, p. 326). Desde o início da constituição do pensamento político social do Brasil, questões de gênero, sexualidade e raça se configuram nas práticas dos exercícios físicos que delimitam, recortam e controlam os corpos:

(...) a prática desportiva era destinada a combater o ócio, pois o mesmo induzia as crianças a uma série de vícios, como a masturbação e o homossexualismo, que eram encarados como elementos nocivos ao



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

desenvolvimento físico e moral das crianças. Os exercícios eram, então, prescritos pelos médicos de acordo com o gênero e a faixa etária dos alunos, compreendendo esta divisão como parte de um processo natural que envolvia o crescimento, o desenvolvimento e a formação sexual de jovens (*op cit*, p. 326)

A academia surge efetivamente no Brasil, a partir da década de 40 do século XX e surgem como práticas comerciais a princípio denominadas de “Institutos de Modelação Física”, “Centros de Fisiculturismo”, “Clubes de Calistenia” (FLORES, 2015) e, após determinadas modificações, passam a ser chamadas de academias de musculação, como a conhecemos atualmente. Do mesmo modo, o início da ida das mulheres na academia é a marca de um período histórico importante para se pensar o exercício e a mulher como sujeito em diversas instâncias:

De um lado, as mudanças na vida privada com a “emancipação da mulher” e do outro, às mudanças na vida pessoal/individual com a revolução cultural do tempo livre, que oportunizou, através das atividades de lazer, novas práticas do corpo ao indivíduo (FLORES, 2015, p.33)

A presença das mulheres ocorre, atualmente, massivamente, principalmente nas aulas de ginástica, que é também ambiente de frequência de uma das autoras do artigo. Neste mesmo ambiente, tivemos acesso a um dos nossos informantes, que também frequentava o ambiente de musculação. Em entrevista, após explicarmos

sobre este artigo, questionamos o entrevistado Lady Gaga sobre sua frequência na academia e se realizava musculação e/ou ginástica, ele respondeu:

Faço ambas aulas e prefiro as de ginástica (coletivas). Primeiro por uma questão de diversão, as aulas acabam por ser mais dinâmicas e a integração entre as pessoas que participam, seja homem ou mulher, é melhor. Segundo, que nessas aulas o mix entre força e aeróbico meio que quebra a ideia de signos presentes na academia (musculação = máquina = força = homem, aeróbico = dança = flexibilidade e agilidade = mulher) o que torna o espaço e as pessoas que frequentam esse tipo de aula, por estarem menos preocupadas com estereótipos, mais agradáveis. Ocasionalmente também uma mudança na postura dos instrutores.⁵

A percepção é que este ambiente seria lugar mais flexível principalmente em relação às questões de gênero, muito embora determinados signos de ‘subversão’ da masculinidade estão presentes na sala de musculação: homens de legging e perna raspada, que são criticados também por algumas pessoas da academia. Em uma avaliação física, pudemos presenciar o instrutor falando sobre estas questões: para eles, não haveria a necessidade de homens utilizarem legging, pois seria ‘desrespeitoso’ com os demais dentro da academia. Uma das

⁵ As perguntas foram realizadas via whatsapp disponibilizado por ele em uma das conversas informais nas aulas de ginástica. O entrevistado – aqui chamado de Lady Gaga - tem 27 anos, é professor substituto na UEPB e se declarou como gay e malha na korpus há 3 anos.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

da Korpuz, inclusive, possui uma proibição escrita sobre este tipo de vestimenta no ambiente.

Pensar sobre como há também, no padrão *fitness*, questões que desafiam as normas, é entender que, muito embora a academia se configure como instituição que controla os corpos, seja através das máquinas, seja através dos suplementos, dos discursos motivacionais presentes ao longo de toda academia (painéis e propagandas), ainda assim a masculinidade presente nesse ambiente é “um processo construído, frágil, vigiado” (ALMEIDA, 2000, p. 150) que não é atingido de modo completo por nenhum homem.

É importante notar que não é apenas o marcador da diferença de gênero que está presente. Na realidade, estes marcadores se interseccionam nos ambientes e demarcam posições de dominação, mesmo que de modo simbólico, dentro destes ambientes e a Korpuz entra também neste local panorama. Não há nas fotos do site oficial ou do próprio ambiente (nos painéis e propagandas) da academia pessoas com deficiência negras, gordas, dentre outras características não-normativas. Isto torna a Korpuz, na teoria, um ambiente exclusivo, muito embora tenhamos percebido pessoas com deficiência, mulheres trans e negros no local. Mas não há, a partir dos tipos ideais das propagandas na Korpuz, corpos que subvertem estas normas. Existe

uma grande parcela de pessoas, na qual uma das autoras do artigo se encontra, que tiveram resistência em participar de ambientes como este justamente pela falta de representatividade, por medo de “não se sentir parte”.

No entanto, apesar da resistência que existe em alguns públicos em frequentar o lugar, podemos encontrar corpos que subvertem a norma: não são brancos, magros, atléticos, isto é, fogem da estética tida como normal e são vistos como “desviantes”, como o próprio Lady Gaga, entrevistado deste breve ensaio, que fala sobre o tratamento destinado a eles: “Enquanto ao tratamento por parte dos funcionários, acho coerente e nunca vi ou presenciei alguma atitude preconceituosa ou lgbtfóbica.”, muito embora nós tenhamos notado que as violências ocorram de modo muito mais simbólicas, a exemplo das próprias questões da ‘preferência’ pelo ambiente da ginástica, que é lido mais fortemente como ambiente ‘feminino’ na academia que, inclusive, na academia Korpuz, é reforçada com a presença do banheiro tido como feminino no segundo andar, ao lado da sala de ginástica, enquanto que o banheiro masculina se localiza no primeiro andar, ao lado dos equipamentos de musculação de braço.

No entanto, lidar com corpos é também lidar com questões de agenciamentos e de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

autopercepções, pois a própria noção de agenciamento pode servir para tratar o modo pelo qual nos apropriamos das tecnologias de gênero e a usamos para nos construirmos como corpos de vontade e desejos nestes espaços, muito além das questões normativas, o agenciamento “significa *design*, *leiout*, organização, arranjo e relações, tendo como enfoque não o conteúdo, mas as relações – relações de padrões” (PUAR, 2013) e, deste modo, lidar com gênero e sexualidade nas academias – assim como em outros locais – é também entender a si próprio e a como estas relações podem se configurar.

3. Alongar a percepção de quem se é: o que a saúde e a experiência contam

Nos processos de travessias temporais das epistemologias sobre o corpo, alguns discursos têm tido certa relevância para as ciências para entender como se constroem as concepções de saúde, gênero e corpo. Estas relações constituem, para Foucault (1979) relações de poder que perpassam o modo como o corpo é construído:

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticoloso, que o poder

exerceu sobre o das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (*op cit*, p 179)

A concepção de saúde faz parte da biopolítica que esquadrinha, dociliza e interdita o corpo a depender de suas característica. Este regime de verdade foi alimentado ao longo dos séculos, a partir da hegemonia biomédica, considerado como conhecimento mais objetivo, mais verdadeiro e, conseqüentemente, menos questionado em relação à sua constituição: “A prática médica é uma maneira singularmente importante de manter a negação das relações sociais e de operar a coisificação sob a égide da ciência” (PEREIRA, 2014, p. 171), deste modo, a medicina é entendida como conhecimento que permite corpos ‘viverem’ ou ‘morrerem’, a depender do modo como são lidos e das negociações do próprio campo.

O corpo saudável aparece como meta a ser alcançada: nosso interesse em realizar uma breve entrevista com Lady Gaga surgiu justamente de conversas e observações na academia: em uma das aulas de ginástica, um dos professores “estava acima do peso”. O chefe do setor da ginástica havia dito que ele deveria emagrecer para “dar exemplo”. Nesta conversa, Lady Gaga, assim como o professor acima do peso concordou que seria necessário, afinal de contas, ali o corpo deveria ser “perfeito”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nesta concepção de corpo perfeito e de padrão de beleza, uma série de corpos fora do espectro de corpo aceito acaba por serem rejeitados na lógica da academia. O saber biomédico determina, inclusive, que a ‘obesidade’ é uma doença, fazendo com que determinados corpos sejam categorizados e, despersonalizando os sujeitos, pois passamos a qualifica-los a partir de sua ‘doença’:

Em 2013 a American Medical Association (AMA) promoveu uma votação para averiguar se a obesidade deveria ser considerada uma condição ou doença. Na votação a maioria decidiu pelo rótulo de doença, contrariando uma resolução anterior de um comitê de estudiosos associados à própria AMA [...] (FIGUEIRÔA, 2015, p. 14)

Estes diálogos causaram certo desconforto inclusive nas autoras do discurso. Quais corpos são perfeitos? O que seria ‘dar exemplo’? Estas inquietações vieram também a pensar sobre nossas histórias de vida. Perceber-se como objeto de análise é separar-se do seu próprio eu: “Ao se tornar um objeto de conhecimento lhe é interdito o poder de conhecer e nomear a si mesma e aos outros.” (DAMASCENO, 2008, p. 3) e, de certa forma, este preceito contraria a própria persistência crítica de entender os indivíduos como sujeitos que possuem seus corpos marcados por experiências que guiam seus modos de ser e estar no mundo e, inclusive, as

maneiras pelas quais as diferentes pessoas lidam com os exercícios físicos.

O corpo gordo que perpassam nossas experiências tornam-se corpos subversivos e corpos abjetos: aqueles que não se adéquam às normas, atravessados pela abjeção em que o corpo não corresponde às normas instituídas e reverbera o “não lugar” de vivências, na qual ninguém deseja ser, correspondendo ao ser abjeto, que é designado como uma zona ‘inóspita e ‘inabitável’ da vida social (BUTLER, 2000)

Sobre as vidas ‘inabitáveis’ opera a lógica do biopoder, que é definido como discursos de verdade sobre o caráter vital dos seres humanos definidos a partir de estratégias de intervenção que dialogam diretamente com as normas em nome da vida ou da saúde individual/coletiva (PEREIRA, 2014).

No entanto, perceber o próprio espaço da academia como local de cuidado de si e de construção do próprio corpo é também um modo de construir e entender de gênero, pois o gênero não é uma propriedade que existe *a priori* (LAURETIS, 1994), mas é um conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais a partir do campo das experiências.

Nossas vivências e subjetividades são construídas a partir dos diversos mecanismos presentes no mundo contemporâneo, que nos interpelam constantemente, que nos constitui



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como seres construídos no cotidiano a partir de máquinas e demais aparatos (celular, roupas, academia, etc), tornando-nos *cyborgs* (HARAWAY, 1994). Não há diferença entre o que é lido como ‘natural’ (como o corpo ‘natural’ da mulher) e o que é construído. Esta percepção nos dá abertura para entendermos que os cuidados de si e o modo como construímos nosso corpo e nosso conhecimento precisam extrapolar o lugar das universidades e adentrar outras instituições, tal qual a academia de musculação e ginástica. É lá que praticamos também o cuidado de si e podemos reivindicar nossas vontades, que, como vimos, saem das normas e atravessam nossos corpos de diversas maneiras. O corpo não termina na pele (PUAR, 2013), ele vai além e isto dá abertura para o processo de exercício de ativismos em lugares que não necessariamente se constituíram para tal.

4. Referências

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre o limite discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

DAMASCENO, Janaína. *O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote*. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8**, Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter "Athropological Blues"**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica - objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

FLORES, Amanda Azevedo. **Ginástica em Academia: compreensões sobre o planejamento de aulas em Salvador**. Dissertação de Mestrado: Salvador, Faculdade de Educação, UFBA, 2015.

FIGUEIRÔA, Lima Natália. **Atuando obesidades: uma etnografia das cirurgias bariátricas**. Salvador: Dissertação: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2015

HARAWAY, Donna. *O Manifesto Ciborgue*. In: HOLANDA, Heloisa Buarque. **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

LAURETTIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos**. São Paulo: Annablume, 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

PUAR, Jasbir. **Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa:** interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. Revista Meritum. Belo Horizonte: v.8, n. 2 jul/dez, 2013.

RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte:** do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1982.

ROSALDO, Michelle. **O uso e o abuso da Antropologia:** reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*, 1, 10-36, 1995. Disponível em: <
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1581/rosaldo.pdf?sequence=1> >

SALLES-COSTA *et al.* **Gênero e prática de atividade física de lazer.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2):S325-S333, 2003

TURNER, Bryan S. **Corpo e Sociedade.** São Paulo: Ideias & Letras, 2014

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo:** história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2011.